

SANDRA APARECIDA PIMENTA FERREIRA

FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

RUBIATABA/2002

SANDRA APARECIDA PIMENTA FERREIRA



FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Monografia apresentada à FACER como requisito para conclusão de graduação em filosofia, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30740
Sorri

Tombo n.º	7354
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	27.05.03

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO I	04
CONCEITO DE FELICIDADE	04
CAPÍTULO II	07
BIOGRAFIA.....	07
A Felicidade no Amor e na Caridade e com Paz de Espírito	11
Paz de Espírito.....	13
CAPÍTULO III	15
A FELICIDADE	15
CONCLUSÃO	19
BIBLIOGRAFIA	21

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este trabalho tratar, resumidamente, da felicidade, que é um anseio do homem, ou seja, é algo que todo e qualquer ser humano está buscando como fim último, e especificamente, perceber a felicidade na concepção de Santo Agostinho.

Aurelius Augustinus (Santo Agostinho) nasceu em 13 de novembro de 354 em Tagaste. Vai para Cartago, para receber educação liberal. Como na sua juventude, Agostinho só pensava em prazeres e sucessos materiais, era rebelde. Para que chegasse à conversão, além dos livros platônicos, lera também as cartas de São Paulo. Em 391 o bispo Valério propôs à assembléia a escolha de um coadjutor para as funções sacerdotais. Imediatamente o povo gritou: "Agostinho presbítero!". Aos 41 anos foi consagrado bispo e morreu em 430.

A felicidade será ressaltada em três capítulos: no primeiro capítulo a felicidade será conceituada segundo as definições dos filósofos Tales, Demócrito, Platão, Aristóteles e Kant. No segundo capítulo, poder-se-á perceber a Vida de Agostinho e a felicidade no amor, na caridade e com paz de espírito, observando qual é o caminho para a felicidade. E, no terceiro capítulo, será realizada uma análise de como e o que é a felicidade na atualidade, e será exposta uma pesquisa realizada para podermos perceber o que é ressaltado como felicidade em nossos dias.

CAPÍTULO I

CONCEITO DE FELICIDADE

Ser feliz ou viver em busca da felicidade é algo que leva o homem a estar sempre à procura de objetivos, traçando metas para seguir. Muitos perguntam: Onde está a felicidade?, e percorrem caminhos diversos, indo ao encontro deste bem estar.

O conceito de felicidade nasceu na Grécia antiga, sendo humano e mundano. Tales acreditava que ser feliz é “quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada”¹. Ser feliz é um anseio de todos os homens e ter boa sorte na vida e sucesso na formação individual são próprios da situação do homem perante mundo. E para esta formação são necessárias algumas características, como por exemplo, ter saúde, corpo são e forte.

Com Demócrito, pode-se perceber uma forma semelhante que definia a felicidade como “a medida do prazer e a proporção da vida”, que era se distanciar das coisas defeituosas e excessivas. Segundo ele, tanto a felicidade quanto a infelicidade pertenciam à alma, pois, “a alma é a morada do nosso destino”².

A felicidade estabeleceu com o tempo, a relação com o prazer, ou seja, ao relacionar-se com o corpo, com as coisas e com o próprio homem, pode-se alcançar esta relação entre prazer e felicidade, tendo a fim em si mesmo.

¹ CF. LAÉRCIO, *Diógenes*. I, 1, p.37

² CF. FR, Diels, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, p. 170 e 171.

O fim é o prazer particular, a felicidade é o sistema dos prazeres particulares, em que se somam também os passados e os futuros³.

Alguns pensadores, como Egecias, negavam que a felicidade fosse possível, simplesmente pelo fato de que os prazeres são demasiados, raros e passageiros.

Platão não relacionava a felicidade ao prazer e sim à virtude e dizia:

Os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança; os infelizes por possuírem a maldade⁴.

Com Platão, pode-se perceber que a felicidade se relaciona com a situação do homem perante mundo e no cumprimento do dever. A busca da virtude é “a capacidade da alma de cumprir o seu próprio dever”⁵.

A felicidade para Aristóteles é definida em um caráter contemplativo, mostrando-se como a bem-aventurança, que é, “certa atividade da alma, realizada em conformidade com a virtude”⁶. Segundo ele, a virtude só será definida pela razão conforme a conduta de quem age com reflexão e sabe fazer a medida justa entre dois extremos. As pessoas felizes, diz Aristóteles necessitam ter três espécies de bens: os exteriores, os do corpo, e os da alma.

Os bens exteriores, assim como qualquer instrumento tem um limite dentro do qual desempenham sua função utilitária de instrumentos, mas além do qual se tomam prejudiciais ou inúteis para quem os possui. Os bens espirituais, ao contrário, quanto mais abundantes, mais úteis. Cada qual merece a felicidade, na medida da virtude, do tino e da capacidade de bem agir que possui, podendo se tomar como exemplo a divindade, que é feliz e bem aventurada não graças aos bens exteriores, mas por si mesma, por aquilo que ela é, por natureza⁷.

³ LAÉRCIO, *Diógenes*, II, 8, P.87.

⁴ PLATÃO, *Górgias* (508 b)

⁵ PLATÃO. *A República*, I, p.353.

⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, I, 13, 1102 b.

⁷ CF. ARISTÓTELES. *Política*, VII, I, 1323 b 8.

Quanto a ética pós-aristotélica, ocupa-se da felicidade do sábio, vendo-o como aquele que encontra a felicidade em si mesmo, ou seja, basta a si mesmo.

A partir do humanismo, o conceito de felicidade começa a ser relacionado novamente ao prazer.

Kant julgava ser impossível considerar a felicidade com base da vida moral e a define sem recorrer à definição de felicidade como prazer:

A felicidade é a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece de acordo com seu desejo e vontade⁸.

Na contemporaneidade, os filósofos da liberdade dizem que “a felicidade não é mais um fim a ser atingido, mas uma função cíclica e intermitente, só surgindo na medida em que a afirmamos”⁹.

No entanto, em todas as épocas da história da humanidade, pode-se perceber traços de busca da felicidade, pois o homem deseja realizar-se e ser feliz. No próximo capítulo, será analisada a felicidade segundo as definições de Santo Agostinho.

⁸ Imanuel KANT. *Crítica da Razão Prática, Dialética, séc.5.*

⁹ Japiossu, *Dicionário de filosofia*, p.96.

CAPÍTULO II

BIOGRAFIA

Aurélio Agostinho nasceu em 354 em Tagasta, pequena cidade da Numídia, na África. Seu pai, Patrício, era pequeno proprietário de terras, ainda ligado ao paganismo (só se converteria no fim de sua vida). Já sua mãe, Mônica, era fervorosa cristã. Depois de ter freqüentado a escola em Tagasta e na vizinha Madaura, conseguiu ir para Cartago, graças à ajuda financeira de um amigo de seu pai, para realizar seus estudos de retórica (370/371). A sua formação cultural realizou-se inteiramente na língua latina e com base nos autores latinos (só superficialmente e não de muito bom grado ele se aproximou dos gregos). Para ele, Cícero manteve-se durante longo tempo como modelo e ponto de referência essencial.

Na época de Agostinho, o retórico já perdera o seu papel antigo, que, como sabemos, era papel político e civil (cf. acima, pp. 80 e 82), tendo-se tornado essencialmente professor. E, assim, Agostinho ensinou primeiro em Tagasta (374) e depois em Cartago (375-383). Mas a turbulência dos estudantes cartagineses o levou a transferir-se para Roma em 384.

No mesmo ano, passou de Roma para Milão, onde assumiu o cargo de professor oficial de retórica da cidade. Agostinho chegou a Milão graças ao apoio dos maniqueus, dos quais, como veremos, foi seguidor durante certo período. Mas em Milão, entre 384 e 386, através de profundas reflexões espirituais, amadureceu sua conversão ao cristianismo. Conseqüentemente, Agostinho

demitiu-se do cargo de professor oficial e retirou-se para Cassiciaco (na Briância), onde passou a levar vida em comum com os amigos, a mãe, o irmão e o filho Adeodato.

Em 387, Agostinho recebeu o batismo do bispo Ambrósio (que desempenhara papel não desprezível, ainda que indireto, em sua conversão) e deixou Milão para retornar à África. No caminho de volta, em Óstia, morreu sua mãe Mônica. Mas Agostinho só conseguiu voltar à África em 388, porque Máximo havia usurpado o poder naquela região e a viagem se tornara perigosa. Nesse meio tempo, esteve em Roma, onde permaneceu durante quase um ano.

Voltando finalmente a Tagasta, vendeu os bens paternos e fundou uma comunidade religiosa, adquirindo logo uma grande notoriedade pela santidade de sua vida. Em 391, quando se encontrava em Hipona, foi ordenado sacerdote pelo bispo Valério, sob pressão dos fiéis. Em Hipona, ele ajudou Valério, sobretudo na pregação, e fundou um mosteiro, onde se reuniram velhos e fiéis amigos, aos quais se uniram novos adeptos.

Em 395, foi consagrado bispo. E, no ano seguinte, com a morte de Valério, Agostinho tornou-se bispo efetivo. Na pequena cidade de Hipona, ele travou grandes batalhas contra cismáticos e heréticos, nela escrevendo também os seus livros mais importantes. Daquela pequena localidade africana, com seu pensamento e a sua tenaz obra, ele determinou uma reviravolta decisiva na história da Igreja e do pensamento do Ocidente. Morreu em 430, quando os vândalos sitiavam a cidade.

Todas essas fases de sua vida e os acontecimentos a elas relacionados, em muitos aspectos, mostraram-se decisivos para a formação espiritual e a evolução do pensamento filosófico e teológico de Agostinho. Por isso, falaremos mais em pormenores desses aspectos.

- a) A primeira personalidade que incidiu profundamente sobre a alma de Agostinho, sem dúvida, foi a de sua mãe Mônica. Foi ela quem, com sua firme fé lançou em certo sentido as bases e construiu as premissas da futura conversão do filho.

- b) O segundo encontro fundamental foi com o *Ortensio*, de Cícero, obra que converteu Agostinho à filosofia quando estudava em Cartago. Nesse escrito, Cícero defendia um conceito de filosofia entendida de modo tipicamente helenista, como *sabedoria e arte do viver que traz a felicidade*.
- c) Aos dezenove anos (373), Agostinho abraçou o maniqueísmo, que parecia oferecer-lhe ao mesmo tempo uma doutrina de salvação no nível racional e um espaço também para Cristo.
- d) Já em 383/384 Agostinho se afastava interiormente do maniqueísmo, tentando agora abraçar a filosofia da *Academia Cética*, segundo a qual o homem deve duvidar de tudo, porque não pode ter conhecimento certo de nada.
- e) Os encontros decisivos de Agostinho deram-se em Milão: 1) do bispo Ambrósio, ele aprendeu o modo correto de abordar a *Bíblia*, que, conseqüentemente, tornou-se-lhe inteligível; 2) a leitura dos livros dos neoplatônicos revelou-lhe a realidade do imaterial e a não-realidade do mal; 3) lendo São Paulo, por fim, apreendeu o sentido da fé, da graça e do Cristo redentor.
- f) A última fase da vida de Agostinho foi caracterizada pelos debates polêmicos e pelas batalhas contra os heréticos. A polêmica contra os maniqueístas perdurou até 404. Posteriormente, Agostinho esteve empenhado predominantemente contra os donatistas, que defendiam a necessidade de não readmitir na comunidade cristã todos os que, durante as perseguições, haviam cedido aos perseguidores, apostatando ou sacrificando aos ídolos, sustentando conseqüentemente a não validade dos sacramentos administrados por bispos ou padres que houvessem incorrido em tais culpas.

A produção literária de Agostinho é imensa. Recordaremos somente as obras principais.

- a) O período de Cassiciaco caracteriza-se pelos escritos de caráter predominantemente filosófico: *Contra os acadêmicos*, *A vida feliz*, *A ordem*, *Os solilóquios*, *A imortalidade da alma* (este último escrito em Milão). *A quantidade da alma*, escrito em Roma, é de 388. Em Tagasta (388-391)

foram compostas as obras *O mestre* e *A música*. Trata-se de escritos próximos aos de Cassiciaco.

- b) A sua obra-prima dogmático-filosófico ecológica é *A Trindade* (399-419).
- c) A sua obra-prima apologética é *A Cidade de Deus* (413-427).
- c) Os escritos exegéticos de maior destaque são: *A doutrina cristã* (396-426), os *Comentários literais ao Gênesis* (401-414), os *Comentários a João* (414-417) e os *Comentários aos Salmos*.
- d) Das obras contra os maniqueístas, podem-se recordar: *Sobre os costumes da Igreja católica e os costumes dos maniqueus* (388-389), *Sobre o livre-arbítrio* (388 e 391/395), *A verdadeira religião* (390) e *Sobre o Gênesis contra os maniqueus* (398).
- e) Dentre os escritos contra os donatistas, recordamos: *Contra a Epístola de Parmeniano* (400), *Sobre o batismo contra os donatistas* (401) e *Contra Gaudêncio, bispo dos donatistas* (419/420).
- f) Fazem parte dos escritos polêmicos antipelagianos: *O espírito e a letra* (412), *Sobre a festa de Pelágio* (417) e *graça de Cristo e o pecado original* (418).
- g) Duas obras inauguraram gêneros literários novos: as *Confissões* (397), que são uma verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário, e as *Retratações* (426/427), em que Agostinho reexamina e retifica algumas teses contidas em sua produção anterior, que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

Um dos maiores estudiosos da Patrística, B. Altaner, deu o seguinte juízo sobre Agostinho: "O grande bispo unia em si a energia criadora de Tertuliano e a amplitude de espírito de Orígenes com o sentido eclesiástico de Cipriano, a agudeza dialética de Aristóteles com o idealismo elevado e a especulação de Platão, o sentido prático dos latinos com a flexibilidade espiritual dos gregos. Ele foi o maior filósofo da época patrística e, sem dúvida, o mais importante e influente teólogo da Igreja em geral.(...) Aquilo que Orígenes foi para a ciência teológica dos séculos III e IV Agostinho seria, de modo muito mais duradouro e eficaz, para toda a vida da Igreja nos séculos posteriores, até a época contemporânea. A sua influência se estendeu não só ao domínio da filosofia, da dogmática, da teologia moral e da mística, mas também à vida social e caritativa, à política eclesiástica e ao direito público. Em resumo, ele foi o grande artífice da cultura ocidental da Idade Média"¹⁰.

¹⁰ REALE, Giovanni & ANTISERI, DARIO. *História da Filosofia*. p.428 a 434.

A Felicidade no Amor e na Caridade e com Paz de Espírito

O caminho da felicidade segundo Santo Agostinho é o amor, que apresenta-se como força que faz mover a vontade. E, esta força que faz mover a realização da ordem moral, o amor, termina na caridade. A vontade encontra sua força orientadora, na liberdade. Segundo ele, todas as afeições e sentimentos da alma são manifestações da vontade. Mas, quais são os afetos básicos da alma?

Os afetos básicos da alma são: o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. O desejo é um aquecer a tendência da vontade para um objeto qualquer. A alegria é a complacência na posse de um objeto da vontade. O temor é o sentimento pelo qual a vontade se retrai e afasta de uma coisa. A tristeza é a aversão da vontade por um mal infligido¹¹.

Sendo assim, toda e qualquer afeição da alma consiste em aceitar ou rejeitar, através da vontade, tudo o que for bom ou mau. Para participar da felicidade o poder da vontade deve optar livremente entre o bem e o mal.

O amor, apresenta-se como uma necessidade do homem, e é ele, a própria essência do homem, que está sempre procurando o seu lugar.

Um ser capaz de amar tende forçosamente, quer ao bem, quer ao mal. E visto que o amor é uma atividade decorrente do próprio ser humano, ele não pode deixar de ser algo de apreciável. Donde se segue que tudo quanto se faz por amor se faz com prazer. O amor é alegria ontológica mais profunda. Ele não pode deixar de atuar, até mesmo na ausência do seu objeto. Neste caso ele visa ao ignoto e ao distante; torna-se uma espécie de nostalgia ou saudade do amor: tem se amor ao próprio amor¹².

¹¹ BOEHNER, Philotheus & ETIENNE, Gilson. *História da Filosofia Cristã*, p.188.

¹² *Ibid*, p.189.

Assim, não seria bom separar o homem do seu amor. Pois se há algum problema, não é com o amor nem com a necessidade de amar, mas, com o objeto do amor.

Em Santo Agostinho, a alma vive numa perene tensão para o amor de caridade, que tem Deus como seu objeto específico. O amor vence tudo e abrange a piedade, que é o amor de Deus.

Semelhante amor permanece idêntico em sua essência, quer se dirija a Deus, quer ao próximo, uma vez que, com o mesmo amor com que amamos o próximo, amamos também a Deus. Contudo, o amor ao próximo tende a aumentar o amor a Deus, no âmbito do mistério da Igreja que é corpo místico de Cristo¹³.

Quanto a caridade, percebe-se que ela não é apenas o coração da moralidade, ela é a própria vida moral. A caridade deve dominar a vida moral. O amor inicia-se na justiça. “O começo do amor é o começo da justiça, o progresso no amor é o progresso na justiça, a perfeição do amor é a perfeição da justiça”¹⁴.

A alma da caridade é o querer bem, a bondade, e não a vontade de prestar benefícios.

A caridade nunca deixa de querer também o seu próprio bem, sendo de sua natureza aspirar a igualdade. Mas a igualdade seria confundida se nos sacrificássemos totalmente ao objeto do nosso amor. Todo amor interpessoal reclama reciprocidade. Aquele que ama exprime o seu amor em comunhão de vida entre duas almas. Só assim se explica aquela mistura singular de egoísmo e generosidade, tão característica do amor¹⁵.

¹³ SECONDIN, Bruno. & GOFFI, TULLO. Curso de espiritualidade, p.118.

¹⁴ Ibid, p.191.

¹⁵ CF. *A experiência pessoal de Agostinho*: Conf. IV, 6, 11, 72.

Portanto, entre o amor do homem e o amor de Deus, existe algo comum que é o amor ao bem. O verdadeiro amor sempre terá por objeto o ser e o bem, e Deus é o sumo bem e o amor por excelência.

A caridade consiste principalmente num peso interior, que atrai a alma para Deus. Por outro lado, ela se diferencia de todas as outras modalidades de "amor", pelo fato de referir-se exclusivamente a seres pessoais. O amor a uma pessoa difere do amor a uma simples coisa. Amamos as coisas em atenção à nossa própria pessoa, a cujo serviço elas perdem sua existência, como sucede com uma iguaria que se ama e se consome. O amor puro, sincero e generoso a um ser pessoal, ao contrário, visa a pessoa como tal, e em si mesma. O que não quer dizer que a caridade não atente também ao seu próprio bem¹⁶.

Paz de Espírito

A paz, é o objetivo de toda sociedade, seja ela boa ou má. As guerras também têm como objetivo o restabelecimento da paz.

É óbvio, pois, que todos os homens aspiram a paz, e que ninguém pode ser tão perverso que não queira viver em paz¹⁷.

O homem vive em sociedade, e numa sociedade é necessário que se tenha paz e a condição para que se tenha a paz verdadeira é a ordem, que é "a disposição que atribui a todas as coisas o lugar que lhes corresponde"¹⁸.

Há uma ordem para todas as coisas, para o corpo e para a alma e Deus também é fonte de paz. Há uma paz justa ou boa, e uma paz falsa.

¹⁶ BOEHNER, Philotheus & ETIENNE, Gilson. *História da filosofia Cristã*, p.189.

¹⁷ BOEHNER, Philotheus & ETIENNE, Gilson. *História da filosofia Cristã*, p.196.

¹⁸ Idem.

A paz do corpo é a ordenada complexão de suas partes; a da alma racional a ordenada calma de seus apetites; a paz da alma racional é a ordenada harmonia entre o conhecimento e a ação; a paz do corpo e da alma, a vida bem ordenada e a saúde corporal; a paz entre o homem mortal e Deus é a obediência ordenada pela fé sob a lei eterna; a paz dos homens entre si, sua ordenada concórdia¹⁹.

Segundo Santo Agostinho, para se conseguir e preservar a paz, a sociedade humana depende da obediência a algumas normas que são: não fazer mal a ninguém e socorrer a todos os que têm necessidades.

Assim, torna-se necessário que todo indivíduo conquiste a sua paz, e que preserve desta paz, mantendo sempre a ordem. Que cuide de si e do próximo. A paz, também será encontrada com o encontro com Deus diz Agostinho.

¹⁹ Idem.

CAPÍTULO III

A FELICIDADE

Quando nascemos temos o direito a desfrutar de todas as coisas boas que atendem às nossas necessidades básicas. Mas deparamos com uma sociedade que nos influencia a conquistar tudo aquilo que queremos a qualquer preço.

O homem só é capaz de ser feliz quando procura mudar-se constantemente e com isso tem a possibilidade de crescimento. E quando o homem não procura este crescimento ele estagna, se isola de tudo que o cerca, acomoda-se e com isso ele mesmo se condena à infelicidade; e sua vida “morre” não alcançando a felicidade.

Se o homem é infeliz, insatisfeito e escravizado a preconceitos, de velhas crenças e idéias, opiniões alheias, carente de si mesmo e dos outros, sem acesso ao seu interior, chave da liberdade autêntica, ele é incapaz de viabilizar uma sociedade livre e justa²⁰.

O homem feliz tem a capacidade e a autenticidade de relacionar com os outros e tornar este relacionamento verdadeiro.

²⁰ TELES, Maria Luisa Silveira, *Filosofia para jovens: uma iniciação à Filosofia*, p.57.

A nossa vida está em constante movimento, e precisamos ter paciência, pois é com ela que poderemos ter amor e alegria; mas quando não temos esta paciência, temos a pressa, aí deparamos com amarguras e revoltas. A vida é bela e trágica, mas é dom de graça, é com as verdadeiras amizades a beleza de tudo que nos cerca, que nos enche de felicidade.

As batalhas da vida são, de modo geral, as mesmas para todos nós. Enfrentamos dificuldades semelhantes: desavenças, conflito, compromissos, envelhecimento, enfermidades, mortes, catástrofes e acidentes, são experiências comuns. Felicidade não significa ausência destes elementos. São felizes aqueles que reconhecem estes acontecimentos como parte da condição humana e não se deixam abater por eles²¹.

Todo homem passa por dificuldades, mas quem passa por elas com ânsia de êxtase e crescimento não encontra nenhuma barreira.

No nosso pensamento acreditamos que as coisas e as pessoas que nos rodeiam podem trazer a felicidade ou a infelicidade. Enquanto tivermos este pensamento não alcançaremos a felicidade, porque é com nossos pensamentos e nossas atitudes que podemos ser felizes ou infelizes.

Se tudo que fizermos necessitar de aprovação alheia, seremos eternamente amargurados, pois o condicionamento da nossa vida impede que o outro nos queira bem, só você sabe o que é melhor para si.

Se tivermos a visão distorcida de obrigação, de dever, vive com sentimento de culpa; pois é com isso que prendemos todos os nossos atos e não podemos ter a liberdade de fazer tudo aquilo que desejamos.

Diz Aleksander Puchkin, um poeta russo:

²¹ TELES, Maria Luisa Silveira, *Filosofia para jovens: uma iniciação à Filosofia*, p.58.

És um rei. Vives só. Escolhe um caminho livre. E segue por onde te levar tua mente livre. Aperfeiçoa os frutos das idéias que te são caras. Sem nada esperar por teus nobres feitos. Em ti estão todas as recompensas. De ti és o juiz supremo. Ninguém, com mais rigor, julgará tua obra, Judicioso artistas, isto te apraz?²²

O contato com o outro é a base para termos a felicidade, pois se compartilharmos com outras pessoas vontades, sentimentos emoções estaremos buscando no outro carências que nos possibilitam sermos feliz.

A felicidade consiste, sem dúvida, num eterno 'recriar a vida'. A ânsia de viver, que nada acalma, é a chama de nossa alma, que chama pela felicidade. Por isso ela só entra em nosso coração quando vivermos plenamente.

Todas as coisas da vida são como uma moeda: são infelizes as pessoas que olham sempre para a face triste. É preciso ter o coração aberto, amar sempre, confiar, esperar. É preciso deixar que a luz germine o silêncio nas fontes adormecidas de nossas almas.²³

Quando enfrentamos os nossos problemas com cabeça erguida saímos vitoriosos, pois é com confiança em nós mesmos que conseguiremos passar pela vida sem angústias, sem desespero, tirando da vida tudo o que ela tem de bom para nos oferecer.

Precisamos não desesperar, porque se perdemos a plenitude de nossas vidas seremos infelizes, nossas vidas serão sem belezas, sonhos, amor, esperança, fé e com isso cairemos na infelicidade.

Estas pessoas só pensam em algo que não possa ser atingível e com isso não conquistam a felicidade, porque sempre procura onde ela não está.

Na nossa vida se não colocarmos um pouco de emoção não conseguiremos encontrar a felicidade, é com ela que rimos e choramos, e nesta emoção que a nossa vida se realiza.

²² TELES, Maria Luisa Silveira, *Filosofia para jovens: uma iniciação à Filosofia*, p.59.

²³ TELES, Maria Luisa Silveira, *Filosofia para jovens: uma iniciação à Filosofia*, p.59.

Não podemos empurrar com a barriga levando lentamente a nossa vida sem ânimo consistindo assim uma vida dolorosa. Precisamos encontrar o mais depressa em nós mesmos esta vida de ânimo, com isso estaremos livres para encontrar a felicidade.

A receita para a felicidade consiste também no reforço e na paciência, e se tivermos essas duas atitudes na nossa vida poderemos encontrar soluções desejadas.

Precisamos ser criativos para passar por tudo na nossa vida tentando superar tudo aquilo que nos impede de encontrar a felicidade. É com nossa individualidade e originalidade que é possível sermos felizes. Diz o jornalista e escritor Roberto Freire que “a nossa incompetência para a aventura nos paralisa”.

CONCLUSÃO

Falar de felicidade é muito agradável, pois é estar pensando e buscando formas para sermos felizes. Durante a realização desta pesquisa, foi possível observar que ser feliz é o objeto de todo homem, e que em toda a história da humanidade, percebe-se traços de busca da felicidade.

Mas o que é esta felicidade?

Os filósofos helênicos buscavam a felicidade no prazer sensual, nos bens corporais e exteriores, na tranquilidade da alma, na virtude, na sabedoria. Agostinho fará sua reflexão sobre a felicidade, tema tão querido por ele, dando um aspecto novo e eminentemente cristão.

Este tema também, foi muito refletido pelos filósofos antigos, onde ressaltavam a felicidade como a finalidade da vida humana, fim perfeito e soberano.

Segundo Agostinho, a motivação para o filosofar estaria na busca da felicidade. "O homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade" (Cidade de Deus, XIX, 1,3). Para ele, "quem possui Deus é feliz", ou seja, aquele que deseja ser feliz, deve procurar um bem permanente, e o que permanece para sempre é Deus, que é fonte da verdade, o caminho da felicidade segundo ele é o amor, e este, termina na caridade. Ser feliz é estar em comunhão com o próximo, ou seja, cuidando de si e do próximo. Encontrar a paz é muito importante, e esta será alcançada ao encontrar-se com Deus.

Mas no mundo atual, como vamos encontrar a felicidade se vivemos apegados a bens passageiros? Não podemos nos enganar com as promessas de felicidade propostas por uma sociedade consumista, onde nos oferecem coisas fúteis e passageiras. É preciso que encontremos e nos apeguemos em algo que nos possa verdadeiramente trazer a felicidade. E para Agostinho só a verdade, a sabedoria que são o próprio Deus, é o que nos poderá levar à verdadeira felicidade.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOEHNER, Philotheus e Etienne Gilson. *História da Filosofia Cristã*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REALE, Giovanni e Dario Antiseri. *História da Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SECONDIN, Bruno & GOFFI, Tullo. *Curso de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1993.

TELES, Maria Luisa Silveira. *Filosofia para jovens: uma iniciação à Filosofia*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.